SUGESTÃO DE PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA A DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO EM SALA DE AULA

IGOR LEITE SOUSA

RESUMO:
Este artigo objetiva relatar o desenvolvimento de um grupo focal entre professores da educação básica de uma escola pública estadual de ensino fundamental nível 2 e ensino médio, situada na zona leste de São Paulo. Convém esclarecer que o entendimento de grupo focal expresso aqui se refere à reunião de um grupo de pessoas para discussão de um tema específico, privilegiando a interação (BARBOSA, 1998). Este grupo focal foi realizado em prol da coleta de dados para a dissertação de mestrado do autor (SOUSA, 2020), que investigou quais são os entendimentos que professores e professoras da educação básica têm sobre a temática gênero. Tal assunto foi selecionado devido aos frequentes ataques de setores mais conservadores da sociedade em direção ao termo "ideologia de gênero", popularmente compreendido como uma barreira à família heterossexual, à inocência das crianças e ao que é entendido como "bons costumes" (JUNQUEIRA, 2019). Os subsídios teóricos que orientaram a construção deste procedimento vieram do contato com a literatura acadêmica sobre gênero e educação, apresentada ao autor a partir do curso de especialização em Gênero e Diversidade na Escola, oferecido pela rede UniCEU - UAB São Paulo em parceria com a Universidade Federal do Paraná Setor Litoral entre 2014 e 2016. Ao final da coleta de dados na escola onde a investigação ocorreu, percebeu-se que os professores envolvidos apreciaram a discussão e quiseram continuá-la, além de demandarem mais iniciativas formativas neste sentido.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; professores; grupo-focal.

ABSTRACT:
This article aims to report the development of a focus group among basic education teachers from a state public elementary school level 2 and high school, located in the eastern zone of São Paulo. It should be clarified that the understanding of focus group expressed here refers to the meeting of a group of people to discuss a specific topic, prioritizing interaction (BARBOSA, 1998). This focus group was carried out in order to collect data for the author's master's dissertation (SOUSA, 2020), which investigated the understandings that basic education teachers have on the subject of gender. This topic was selected due to the frequent attacks by more conservative sectors of society towards the term "gender ideology", popularly understood as a barrier to the heterosexual family, the innocence of children and what is understood as "good customs" (JUNQUEIRA, 2019). The theoretical support that guided the construction of this procedure came from contact with academic literature on gender and education, presented to the author during the specialization course in Gender and Diversity in Schools, offered by the UniCEU - UAB São Paulo network in partnership with the Universidade Federal do Paraná Setor Litoral, between 2014 and 2016. At the end of data collection at the school where the investigation took place, it was noted that the teachers involved enjoyed the discussion and wanted to continue it, in addition to demanding more formation initiatives in this regard.

KEYWORDS: gender; teachers; focus-group.

INTRODUÇÃO

O debate sobre gênero e sexualidade no ambiente escolar ainda enfrenta inúmeros desafios, seja por resistências institucionais, seja por entraves socioculturais que atravessam o cotidiano educacional. Tendo em vista esse cenário, torna-se urgente propor práticas pedagógicas que promovam o respeito às diferenças, o reconhecimento da diversidade e a valorização dos direitos humanos como princípios fundamentais da convivência escolar.

Logo, o presente artigo apresenta uma sugestão de prática pedagógica voltada à discussão sobre gênero e sexualidade com estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, por meio da metodologia de

grupo focal. A proposta emerge de uma pesquisa de mestrado e tem como motivação central evidenciar as desigualdades sociais que existem entre homens e mulheres e a defesa da liberdade individual para a vivência das identidades de gênero e das expressões de sexualidade, buscando contribuir com educadores que desejam abordar o tema de forma ética, reflexiva e comprometida com a formação cidadã.

Ao analisar o desenvolvimento da proposta aplicada, foi possível perceber que a discussão sobre desigualdades de gênero na escola é, em grande parte, bem recebida pelos estudantes. Reconhecer esse acolhimento reforça a necessidade de abordar tais temáticas de maneira contínua e estruturada, como parte de um projeto de educação pública mais democrática, inclusiva e sensível às realidades dos sujeitos que compõem o espaço escolar.

METODOLOGIA

Sabendo que este relato visa compartilhar uma parte significativa da dissertação de mestrado intitulada Os (des)entendimentos de professoras e professores da educação básica sobre a temática “gênero” (SOUSA, 2020), construída entre os anos de 2018 2020, no âmbito do programa de pós-graduação em educação da Universidade Cidade de São Paulo, convém citar que pesquisa envolveu professores da educação básica do ensino fundamental nível II e do ensino médio, atuantes numa escola pública da rede estadual situada na zona leste de São Paulo.

O impulso do autor pelo desenvolvimento de uma dissertação de mestrado acerca da temática de gênero partiu de uma experiência prévia sobre o assunto, que foi a matrícula no curso de especialização em Gênero e Diversidade na Escola, ofertado pela rede UniCEU - UAB São Paulo em parceria com a Universidade Federal do Paraná Setor Litoral entre 2014 e 2016. Tal formação despertou interesse por ser oferecida na modalidade a distância e por uma instituição socialmente reconhecida. A oportunidade de estudar gênero foi um divisor de águas no percurso acadêmico do autor, visto que se passou a entender o elemento gênero como algo que atravessa nossa existência desde a mais tenra idade, e que tem a ver com um conjunto de ocorrências dadas como naturais, por exemplo: as pessoas esperarem valentia do homem e delicadeza das mulheres. Esta ocorrência foi ao encontro da principal referência deste trabalho, a teórica Judith Butler, que explica que é inadequado abordar a temática de gênero sem fazer as devidas intersecções:

> o gênero estabelece intersecções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente construídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das intersecções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2017, p. 21).

É válido comentar que a pertinência deste debate fica nítida quando lembramos o que aconteceu em setembro de 2019. O então governador João Dória mandou recolher apostilas de ciências do 8° ano por abordarem os conceitos de "identidade de gênero", "sexo biológico" e "orientação sexual". Tais termos são frequentes em referências científicas da área sociológica e aparecem inclusive na dissertação que viabilizou este artigo, além de reproduzirem conteúdo do ministério da saúde conforme a notícia dada pelo portal g1, citado nas referências. Dessa forma, é possível entender que a atitude do ex-líder do executivo paulista expressa um conservadorismo aliado às posições ideológicas de grande parte da sociedade brasileira, contrária ao que chamam de "ideologia de gênero".

Para Rogério Diniz Junqueira (2019), pesquisador e doutor em sociologia, o que as pessoas comumente entendem hoje como "ideologia de gênero" corresponde a um ataque contra o protagonismo dos pais na criação dos filhos, como se houvesse uma agenda global da sociedade contemporânea que visa desconstruir a inocência das crianças e promover a homossexualidade, a transexualidade, o uso de drogas, a desvalorização do cristianismo, do respeito à família, enfim, uma série de fatores que não coadunam com o que essas pessoas entendem como um ser humano ético e moral.

Tal pensamento é facilmente observado na sociedade brasileira e ficou bem evidente durante a ascensão de Jair Bolsonaro, ex-

-presidente da República. A discussão sobre a pauta gênero nas escolas passou a ser estigmatizada e condenada por grande parte da população, que temia uma suposta destruição da família tradicional brasileira. A cruzada anti-ideologia de gênero foi tão intensa que era possível verificar ações práticas nesse sentido. Segundo Junqueira (2019): isto é algo que se evidencia quando reivindicam a primazia da família na educação dos filhos, e se desdobra em ataques a currículos, à autonomia docente, às políticas inclusivas, às instâncias de administração e regulação da educação, a escolas e docentes em nome de um "direito a uma escola não ideológica", "sem gênero", "sem doutrinação" ou "sem partido". O lema "Meus filhos, minhas regras", entoado pelo movimento político reacionário Escola sem Partido, reitera o familismo e o privatismo dessa ofensiva e parodia o mote "Meu corpo, minhas regras", invertendo o lema feminista pela autonomia e pelos direitos individuais das mulheres e preconizando a submissão absoluta das crianças a seus pais. (p. 139 - 140).

Tendo feita essa contextualização acerca da importância do tema, é cabível agora explicar como se deu a coleta das opiniões dos professores sobre gênero e qual foi o instrumento utilizado para viabilizar esta apreensão.

A experiência de coleta durou três semanas e permitiu identificar aproximações e distanciamentos entre os professores no que diz respeito aos pareceres sobre gênero. Há quem o entenda a partir de uma perspectiva mais biológica e quem o veja como uma construção social e cultural. Adiante, procurou-se elucidar as etapas que evidenciaram estas compreensões, além de mencionar os procedimentos que o pesquisador adotou para a análise.

DESENVOLVIMENTO

A concepção de "grupo focal" adotada neste texto fundamenta-se em Barbosa (1998), que o define como um grupo de discussão informal com o propósito de obter informações qualitativas de forma aprofundada. Assim, foram convidados a participar os docentes que integravam o ATPC (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo) às quartas-feiras, aproveitando o fato de muitos estarem reunidos nesse período. Com a devida autorização, utilizou-se os vinte minutos finais de cada encontro semanal — realizado das 10h40 às 12h20 —, momento tradicionalmente destinado a debates sobre a organização interna da escola.

O método empregado na condução deste grupo focal foi o seguinte: apresentou-se slides que começavam com uma dinâmica geral e, em seguida, traziam perguntas específicas que os participantes deveriam responder com sinceridade, sem se preocupar com possíveis julgamentos morais ou com a ideia de que suas respostas poderiam estar certas ou erradas. Esclareceu-se que o objetivo não era corrigir ninguém e nem fornecer explicações. Pelo contrário, desejava-se que os professores se sentissem à vontade para expressar suas opiniões sem receio de represálias.

Quadro 1 - Participantes do grupo focal e suas respectivas disciplinas

Nome fictício	Disciplina
Moderador	Inglês
Amanda	História
Augusto	Matemática
Bruno	Coordenador Pedagógico
Fernanda	Matemática
Helena	Português
Joice	História
Lívia	História
Maria	Inglês
Silvia	Ciências e Biologia

A dinâmica, apresentada ao pesquisador durante o curso Diálogos de Gênero na Educação Básica, realizado em 2019 pela Fundação Carlos Chagas e ministrado pela renomada pesquisadora da área de gênero Marília Pinto de Carvalho, consistia na exibição de palavras pertencentes a campos semânticos opostos. Os participantes deveriam classificá-las como associadas ao masculino ou ao feminino e justificar suas escolhas. O objetivo era refletir sobre como o binarismo de gênero está profundamente internalizado, a ponto de levar as pessoas a atribuírem características “masculinas” ou “femininas” até mesmo a elementos inanimados.

Quadro 2 - termos da dinâmica apresentada



Após a dinâmica, nos dias posteriores, foram mostrados slides que continham as perguntas seguintes, formuladas a partir da leitura sobre gênero e educação:

O que você entende por gênero?

Além da diferença biológica, você enxerga alguma outra característica recorrente entre meninas e meninos?

Na sala de aula, existe alguma estratégia pedagógica ou postura que você considere mais apropriada para meninos ou para meninas?

Você já percebeu alguma situação de desigualdade de gênero em sua aula? Qual?

Você fez alguma intervenção? Qual?

Você trata alunas e alunos de maneira igualitária?

As respostas dos professores foram registradas por meio de um aplicativo de gravação e, posteriormente, transcritas no software Word. Com os dados em mãos, adotou-se a hermenêutica e a dialética como perspectivas de análise. De acordo com Stein (1987), ambas são abordagens epistemológicas amplamente utilizadas nas ciências humanas, pois enfatizam a construção da compreensão na interação entre pesquisador e pesquisado. Nesse contexto, Schleiermacher (1999) argumenta que a compreensão ocorre de forma gradual, avançando progressivamente, e que cada nova leitura representa tanto um recomeço quanto uma nova incerteza. Além disso, a interpretação particular está intrinsecamente ligada à compreensão do todo e vice-versa. Assim, a análise de um determinado material deve considerar tanto o aspecto gramatical da interpretação quanto o psicológico, uma vez que não há pensamento sem linguagem. Da mesma forma que uma palavra compõe uma frase, a frase, por sua vez, integra o discurso como um todo.

Caldas (1997), num artigo chamado Dialética e hermenêutica: uma questão de método, explica que o termo contradição é muito frequente na pesquisa hermenêutica, uma vez que não é possível dissociar a realidade humana das contradições que a cercam. O foco, porém, não é desfazer as contradições, e sim entendê-las e explicá-las. Tal concepção é muito significativa no trabalho de análise dos dados, uma vez que, por vezes, apareceram contradições entre o que os professores defendem e as práticas que dizem assumir. Essa interpretação particular do pesquisador é fruto do referencial teórico reunido e da vivência como alguém que leciona na educação básica. Nesse sentido, Caldas (1997) explica que se faz necessária, constantemente, uma autoavaliação, em que o pesquisador considere as influências de suas próprias ideologias no desenvolvimento da pesquisa, ora aproximando-se e ora afastando-se da compreensão.

Porém, ainda segundo Caldas (1997), vale ressaltar que há uma certa realidade nos dados que se impõem a qualquer interpretação, confirmando mais uma vez a importância de se almejar um equilíbrio entre o que referencial teórico aponta e as próprias interpretações. Parte dessa realidade será apresentada mais afrente, nas considerações finais. Neste momento, visando progredir na tarefa de condensar a análise dos dados, optou-se por, primeiramente, organizar quadros que resumissem os entendimentos dos professores sobre gênero. Tais entendimentos foram auferidos mediantes as perguntas citadas, transformadas em categorias no quadro apresentado a seguir.

Após encontrar similaridades nas respostas dos professores, decidiu-se classificá-las em categorias para análise individual. Cada categoria faz referência a uma pergunta feita nos dias de condução do grupo focal, e foi construída a partir da interpretação do pesquisador no que diz respeito aos sentidos expressos pelos participantes. A relação pergunta X categoria está visível a seguir.

Quadro 3 - apresentação das categorias construídas no processo de análise

Pergunta	Categoria
Que entendimento demonstrou sobre gênero?	Compreensões sobre gênero
Emerge característica recorrente em meninos e em meninas?	A dedicação feminina
Acha apropriado mudar a postura conforme o gênero dos alunos?	Com eles firmeza, com elas moleza
Já percebeu situação de desigualdade de gênero em sala de aula? Se já, qual?	Atitudes permeadas pelo gênero em sala de aula
Já agiu para reparar situação de desigualdade de gênero em sala de aula?	Dificuldades de lidar com o gênero
Diz tratar os alunos de maneira igualitária?	Reciprocidade no tratamento
Que critério utiliza para diferenciar o tratamento dos jovens?	Afinidade
Já enfrentou machismo em sala? Como reagiu?	Broncas, broncas e mais broncas

Descrição do contexto de pesquisa

Como dito anteriormente, o grupo focal explicado aqui aconteceu numa escola pública estadual, situada na região leste da cidade de São Paulo. Trata-se de uma instituição que comportava os níveis fundamental II, ensino médio, e educação de jovens e adultos (EJA).

No momento em que a dissertação mãe deste artigo foi produzida, a escola funcionava de segunda à sexta, em três períodos: de manhã havia 11 salas de ensino médio (4 primeiros, 3 segundos e 4 terceiros), à tarde 10 salas de fundamental II (3 sextos, 2 sétimos, 2 oitavos e 3 nonos) e à noite havia a modalidade EJA junto com poucas turmas de ensino médio regular. Na prática, no último turno, tínhamos um segundo e um terceiro ano de ensino médio regular, e uma turma de cada série na modalidade EJA, cujo período letivo dura 6 meses.

Cada sala tinha em média 35 alunos, totalizando aproximadamente 945 matrículas somando os três períodos. Novamente, havia três horários: de manhã era das 7h ao 12h20. O vespertino ía das 13h às 18h20 e de noite era das 19h30 às 23h, muito embora, à noite, os alunos sempre eram dispensados uns minutos mais cedo devido ao fato da escola se situar numa área com considerável nível de periculosidade. A aulas tinham duração de 50 minutos, mas à noite o tempo caía para 45.

Referente à equipe gestora, havia poucos membros: uma diretora e uma vice, que revezavam os horários para que sempre uma estivesse na escola independente do período. Havia também um coordenador pedagógico, que conduzia as seções de formação coletiva dos docentes, que eram de três horas semanais e se chamavam ATPC.

No que concerne ao número de docentes, tinha aproximadamente 66. Mas a quantidade de aulas que cada um ministrava na rede estadual e na escola em si era diversa, pois existem jornadas diferentes: havia a jornada reduzida (10 horas aulas por semana mais 2 de formação), a inicial (20 horas aulas por semana mais 2 de formação), a básica (25 horas aulas por semana mais duas de formação) e a completa (32 horas aulas por semana mais 3 de formação). Essas horas de trabalho poderiam ou não serem cumpridas numa única instituição, dependendo da situação profissional de cada professor.

Juntando todos os períodos, a escola possuía professores de Português, Matemática, História, Geografia, Arte, Inglês, Ciências (somente para o fundamental II), Biologia, Filosofia, Física, Química e Sociologia. Essas 5 últimas, em itálico, apenas para o ensino médio e para o EJA, que, por sua vez, é a única modalidade que não tem aulas de Educação Física previstas no currículo oficial do Estado. Havia um inspetor para cada período. Cada um tinha a responsabilidade de auxiliar a entrada e saída de alunos, monitorá-los durante o intervalo, informar quais aulas estavam acontecendo e auxiliar em qualquer necessidade.

A secretaria, cujo horário de atendimento à comunidade era das 8h00 às 19h30, era preenchida por 5 AOEs - Agentes de Organização Escolar - todas concursadas e que eram responsáveis pela estruturação da parte administrativa. Junto delas trabalhava mais uma membra da equipe gestora, a GOE - Gerente de Organização Escolar -, cuja principal função era organizar a vida funcional dos servidores.

No que diz respeito à alimentação, a escola possuía duas cantinas: uma pública, com refeições balanceadas e preparadas a partir de alimentos financiados pela Secretaria Estadual de Educação, e outra privada, que vendia doces, salgadinhos e lanches. Na cozinha da opção gratuita era servida uma refeição por período, e nela trabalhavam 4 cozinheiras que, diferente da maioria das escolas da rede, não eram terceirizadas, e sim funcionárias públicas de longa data. Na

cantina privada trabalhavam três rapazes. A limpeza do espaço era efetuada por apenas três faxineiras, que eram terceirizadas e possuíam idade avançada.

Em comparação a outras escolas públicas da rede estadual, podemos dizer que não se tratava de uma instituição grande, e nem muito problemática. Os professores que trabalham nela não citaram nenhuma situação crítica de violência, nem verbal e muito menos física. Aparentavam ter apreço pela escola e percebiam que a comunidade do entorno também. Esta postura amigável em relação à escola foi expressa na colaboração com o trabalho do pesquisador, tendo em vista que os professores participaram do grupo focal de bom grado e até perguntaram quando seriam organizados mais encontros para a discussão sobre gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato com o grupo focal mostrou-se rico e proveitoso, tanto para os participantes quanto para a consolidação deste trabalho. As discussões permitiram que os docentes revisitassem suas concepções sobre gênero, indicando uma diversidade de entendimentos, que vão desde perspectivas estritamente biológicas até abordagens mais ligadas a fatores sociais e culturais.

Evidenciou-se que, apesar de algumas resistências, há abertura por parte dos professores para refletir sobre o tema, especialmente quando notam sua pertinência nas vivências escolares. A atividade revelou-se potente para provocar questionamentos e ampliar olhares, sublinhando a importância de espaços formativos que favoreçam o diálogo sobre gênero e diversidade no cotidiano escolar.

A proposta de uma abordagem mais participativa, como a dinâmica do grupo focal, mostrou-se eficaz para iniciar discussões muitas vezes evitadas por falta de preparo ou receio. Fortalecer esse tipo de iniciativa é fundamental para uma educação pública mais democrática, capaz de enfrentar desigualdades estruturais e promover o direito de cada pessoa de viver livremente suas identidades.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, E. F. Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais. Educativa, 1998. Disponível em: <https://www2.unifap.br/midias/files/2012/03/coleta_dados.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2025.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 13ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CARVALHO, M. P. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 109, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/p8jWp3CBsf4r65P8svJM9yk/>. Acesso em: 15 fev. 2025.

DORIA MANDA RECOLHER APOSTILA DE CIÊNCIA QUE FALA SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL: 'NÃO ACEITAMOS APOLOGIA À IDEOLOGIA DE GÊNERO' g1. São Paulo, 3 de setembro de 2019. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/09/03/doria-manda-recolher-livros-de-ciencia-que-fala-sobre-diversidade-sexual-nao-aceitamos-apologia-a-ideologia-de-genero.ghtml>. Acesso em: 15 fev. 2025.

JUNQUEIRA, R. D. "A “ideologia de gênero” existe, mas não é aquilo que você pensa que é. In: Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo (2019): 135-140.

LOURO, G. L. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639>. Acesso em: 15 fev. 2025.

SCHLEIERMACHER, F. D. E. Hermenêutica: Arte e técnica da interpretação. 2ª ed. Editora Vozes: Petrópolis, 1999.

SOUSA, I. L. Os (des)entendimentos de professoras e professores da educação básica sobre a temática “gênero”. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 15

fev. 2025.

STEIN, E. Dialética e Hermenêutica: Uma controvérsia sobre o método em Filosofia. Porto Alegre: L&PM, 1987.